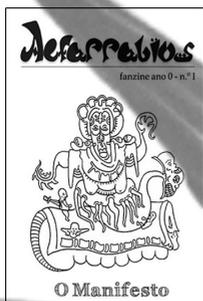


Aefarrabios

Ano 1 ~ fevereiro 2018 ~ nº VI



Andréia Evangelista



é geminiana de Niteroi, índiga de 1983. Atua como performer utilizando o corpo como resistência psicossocial.



Lembrei agora. Há 14 anos quando minha vida era cruzar o portal da Ponte Rio-Niterói - o lugar onde mais fiquei por anos de minha vida. Estou até voltando a escrever da fala original que sei falar de mim. De minha vida. Resquício daqueles índios a beira-mar.

Salve a espada de fogo. Salve o escudo de luz.

Me lembrei quando em um grupo de teatro uns amigos chegaram do Goiás, outros ficaram. O diretor fez todo mundo cortar o cabelo e raspar o sovaco. Acho que não corro esse risco. Sempre analiso prós e contras.

Das sete luzes de são Miguel eu estou na sétima para transmutar. Resignificar. Transformar dor em arte-dança-felicidade. Essa cidade despertar. Aprendi a nadar na baía de Guanabara. Corpo fechado sei provar.

O baile funk hoje é na feira da Carlos Sampaio. Tive que descer. Conte a mentira que precisava comer aipim para aterrar e fui dar

uma espiada no baile. As meninas de shortinho e sorriso nos olhos rebolavam até o chão e voltavam esfregando na cara dos caras com suas latas de Skol na mão e corpo escorado no muro. Meu rosto um sorriso de orelha a orelha, enquanto uma senhora que levava vela para pagar promessa na igreja de são Cipriano diz em canto de boca: A favela agora ta aqui (i). Foi nessa hora que descobrir que minha língua consegue ser maior e que minha boca enorme. Não pude controlar um dos músculos mais fortes do corpo, e disse: - Na verdade nós é que estamos na favela. Não sei o que contaram pra senhora. Mas o centro do Rio é favela.

Maluca que sou, mandei o papo reto pro meu E.T predileto. Vai vendo em Jesus. Não vá me deixar nessa cidade no dia do Tsunami, hein. Minha parte já estou fazendo. Criando minhas redes no paralelo 14. Me avise quando for a hora!

Mãe, toda mulher que persegue o amor de um homem é vítima de machismo.

Toda mulher que persegue o amor de um filho tb.

Quase ninguém vê o que vejo. Quase ninguém entende o que falo. Quando me descobri grávida ouvi que não queriam um filho meu. não era possível ter filho com uma mulher que parecia um travesti, crente e funkeira.

As pessoas tem visões tão mesquinhas. Simplificam as singularidades e nos enfiam em seus rótulos produzidos pela TV e pelos hippies da Zona Sul. Tudo hippie chique. Tudo sonhando em ser soldadinho da mídia.

Sei que não é fácil pra ninguém ser minha mãe. Sei que não é fácil pra ninguém ser filho meu.

Mãe, tomei o chá dos índios.

Te senti criança sem abrigo. Sem amor. Estranha no ninho. Sem ninguém sóbrio para te oferecer segurança.

Talvez por isso tenha me dado tanta segurança. Segurança até de-

mais a ponto de ter me tornado essa pessoa tão arrogante.

Não entendia o que fez a gente se perder uma da outra.

Hoje tenho pra mim que tem a ver com ter ido viver uma outra realidade. Ter saído de um ventre retirante. Que se retirou da fome. Se retirou da pobreza. Se retirou do alcoolismo de sua família ainda muito indefesa. E ter caído de paraquedas - ainda muito cheia dos dogmas - no colo do teatro na Zona Sul do **errejota**.

Foi ali que me doeu ser quem era. VERGONHA.

VERGONHA por ser quem sou. Por não pertencer em nada àquele lugar. Mas como precisei culpar alguém, culpei quem?

Tinha vergonha de mim mesma. Da minha história. Fiquei longos anos fora de mim. Me afastei das minhas amigas funkeiras da Engenhoca. As amigas que estavam comigo sempre. Que douravam pelos no sol de domingo no quintal. Que iam comigo a quadra da Porta das Pedras em São Gonçalo pro baile do Castelo. As pessoas nem sabem que a igreja nunca foi responsabilidade sua. Que na minha adolescência enquanto estava vestida de carola subindo o monte você estava radiante vestida de Hilda Furacão rindo alto. De você não puxei a devoção. De você puxei a bagaceirice que faz essa complexidade toda que somos. Mulheres nordestinas se auto afirmando.





Poeta, ensaísta, romancista, compositor e cantor de samba, jazz e blues.

Parceiro e biógrafo de Delcio Carvalho.

Autor de
 Poemas Malditos,
 Poemas do Rasgo da Hora,
 Poemas em Riste,
 Poemas em Cortes Profundos e
 Poemas da Morte Presumida

15 minutos

tombo leva o louco que arranja o instrumento
 porco terrível e pestilento
 cento de salgados e mais mil por minuto
 e o tombo leva o louco e bate com a
 cabeça e tem o corpo dilarcerado
 tombo leva o louco na calçada
 rasgada a barriga a liga a miga e o céu tenebroso
 que comeu a roupa do rei de uma roma incendiada
 enquanto nero e sêneca brindavam ao final dos tempos
 e assim tomba o louco que bebe e serve a quem quer que seja
 e que cospe e morde e vomita na cara ou na face ou dar a tal face
 a outra face como este tal messias
 mia a gata e o tombo do louco novamente pisa insano
 na coluna de seu desafeto
 e reto o ângulo que diz que a angústia tem medo de si mesma
 e então eu morro e corro e ponto sem ponto e sem medo e sem
 sina e sem mina
 na rinha na qual tomba o louco o pouco o rouco de uma alma
 atormentada sem nada
 e mais nada e assim e assim e assim e assim

e o louco novamente atirado ao chão
 por um impulso suicida do vento
 tanto tormento
 tanto fomento
 tanto e tanto e o pranto
 novamente em choro coro soro
 em tudo que não há salvação

eu

eu assim vos digo que não sou ninguém
 neste louco
 neste pouco
 nestes quinze minutos de hemorragia sem compromisso com a
 ordem

neste sangue que pulsa desgovernado
 como se nada fosse
 como se tudo fosse

adverbiado marcado e sofrido e combalido e ferido

por aí por onde quer que

por onde

Alfarrabios VI pelo onde do onde

pelo bonde

a pé

em não sei onde

até a preposição até;

Tchello d'Barros

Escritor e artista visual, vive e trabalha em Rio de Janeiro. Dedicou-se desde 1.993 à criação de poemas, poemas visuais, contos, desenhos, pinturas, gravuras, fotografia, performance, instalação e videoarte. Seus temas principais são sobre sociedade, política, fé, sexo, relações humanas e cotidiano. Publicou 6 livros de poemas e possui textos em mais de 50 antologias, coletâneas e livros didáticos. Com 31 exposições individuais, suas imagens já participaram de mais de 100 exposições coletivas. Coordena a itinerância da exposição “Convergências”, retrospectiva de seus poemas visuais e realiza curadorias de Poesia Visual e Arte Postal.



Tchello d'Barros

tchello@ufrj.br

FB: Poesia Visual / Visual Poetry - Tchello d'Barros

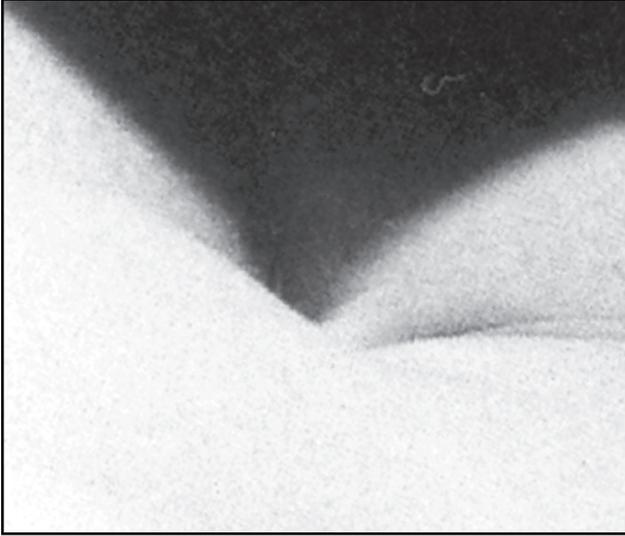
Rio de Janeiro (RJ) Brasil

Fotografias do ensaio fotográfico “E O Verso Se Fez Carne” - de Tchello d’Barros.

Série fotográfica de detalhes do corpo feminino, num conceito de intimidade, em contraponto à exploração midiática do corpo feminino, à vulgarização da imagem da mulher e à banalização da anatomia feminina em prol da padronização e ideal estético da cultura de massa.



E O VERSO SE FEZ CARNE
Tchello d’Barros - 18



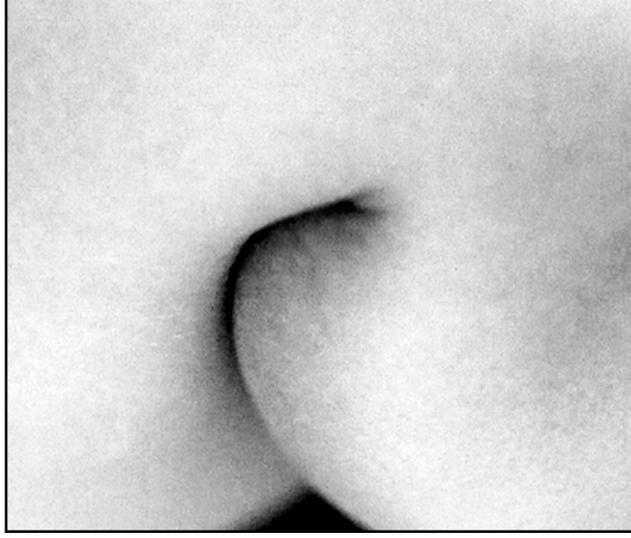
E O VERSO SE FEZ CARNE
Tchello d’Barros - 20



E O VERSO SE FEZ CARNE
Tchello d'Barros - 30



E O VERSO SE FEZ CARNE
Tchello d'Barros - 27



E O VERSO SE FEZ CARNE
Tchello d'Barros - 38



E O VERSO SE FEZ CARNE
Tchello d'Barros - 36





Marco Valença é poeta, compositor,
fotógrafo.

www.marcovalenca.com



A FOME DA SEDE

sinto a saudade
que sabe
que vai ter saudade
por muito mais tempo

quando não cabe vontade
mas arde
certeza e a idade
desse sentimento

sim, é difícil
deixar o que você acha
que é a sua metade
sem a qual seu total perde o senso

sim, é o ofício
girar essa roda d'água
que é a fome da sede
carente de fontes e ventos

marco.

ANTES DE ANTES

não te conheço toda
ninguém há de conhecer
nem pais, filhos, amigos
e nem mesmo você

mas eu te sei um pouco
e penso que bastante
seus ais, silêncios, gritos
de hoje e antes de antes

os cantos mais feridos
as camas tão sozinhas
a pressa dos amantes
a pressão dos vizinhos

não te mereço toda
ninguém há de merecer
cafés, fumos e vinhos
e mesmo nem você

mas eu te invento outra
e crio uma miragem
seus sonhos mais queridos
a se realizarem

os santos tão benditos
os salmos milenares
sem pressa são ungidos
expressam-se aos milhares

não te conheço nada
mas sinto o todo intenso
além da bruxa ou fada
a mulher
sem igual
de meu maior apreço
eu sei do teu imenso

amor de enamorada
e na palavra
adaromane
o avesso

marco.

CLASSIFICADO

um grande amor
perdi.

recompenso quem o encontrar:
pode ficar.

mas não recomendo.

marco.

EPITÁFIO

o amor morto
é um túmulo
um amor vivo
é o cúmulo.

marco.

MIL SEMPRE

é sempre
o ás na manga
do colete

navalha
entre a pele
e o corpete

é sempre
só mais disso
fome e sede

espelho
que reflete
sem enfeite

é sempre
mais ocaso
que sol quente
marco.



Professora de Dança e Dançarina, Atriz. Já fez Projetos em Niterói como Projeto Escola com a Cia Teatral Atuando Actus. Poeta (Escritora) Antologias Um Brinde a Poesia 15 Anos e Poetas Raios de Sol

Diretora de Ações Culturais Movimento União Cultural Núcleo Niterói/Colunista Social (Jornalista)

Produtora Cultural Idealizadora de Vários Eventos em Niterói



Cheiro de Terra Molhada.

(Autora: Jammy Said)

Esse cheiro de terra Molhada que só aproxima quando a Chuva vem de Mansinho Abraçar a Terra..

O Céu Acinzentado e o Vento Gelado percorrendo meu Corpo.

A Chuva Fina com pequenas Gotículas Refrescando Minha Pele..

Observo a Chuva Aumentando Devagarzinho me Envolvendo em Feitiço e Encanto.

Ah... E meus Pensamentos?

Viajo no Tempo..

Duas Taças de Vinho.

Fondue Quentinho..

Acende o Fogo da Lareira.

As Chamas Dançando ao Ritmo da Música Suave.

Olhos Brilhantes como Diamantes.

O Vidro da Janela Embaçado como um hálito Quente..

Perfeito!

Os Lábios Entreabertos Balbuciam Palavras Desconexas.

O Fogo...

O Vinho...

A Chuva...

E um só Caminho..

O Amor...

Outra Morada



(Autora: Jammy Said)

Esse é o Momento que Você Cria Asas...

Vai Voar e Encontrar seu Filhos em Outras Moradas...

Os Filhos que se foram e deixaram Saudades..

Eles estão Dormindo!!

Você encontrou o Descanso e a Paz Perdida...

Essa Paz está Além da Vida...

Fechou os Olhos Apenas...

Para Acordar para outros Momentos..

Nossa Mãe o esperar de Braços Abertos para indicar o Caminho Certo..

Nosso Pai há Muitos Anos se foi e a Mão é a Mesma para Segurar as Suas como Criança..

Já se Foram Muitos de Nós..

Ligados por laços de Irmandade..

Mas não estou só ficaram as Lembranças boas como Companhei-

ra dos meus Dias...
Era para ser um Dia Triste...
Meu Coração esta Tranquilo
Descanse em Paz..
A Cura está apenas Começando...
O Auxilio está Chegando..
Segura nas Mãos dos Anjos...
Siga em Frente com eles.
Dorme em Sono Celestial...
Chegou sua Hora...
O Mestre Chamou...
O Destino Chegou...
Um dia nos Reencontraremos em Outra Morada...
Todos Sorrindo e de Mãos Dadas.
Agora somos Poucos de Muitos...
Vá de Encontro à Luz...
Não tenha medo...
A Espiritualidade te Conduz...
Vá em Paz meu Irmão..



Ser Simplesmente

(Autora: Jammy Said)

Ser Simplesmente

Ser especial

Ser diferente

Exclusiva que sente.

Ser somente uma menina/mulher

Ser um anjo

Ser em constante mutação

Ser em ebulição

Ser uma entre tantas dentro de mim

Ser simplesmente ser, existir.

Ser sua, ser minha

Ser vento, sol, chuva

Ser dia e noite

Ser sonhadora

Ser simplesmente ser, existir.



Insônia

(Autora: Jammy Said)

pag — 23

Fazei senhor da paz que eu sonhe, sonhe com meu destino... Que eu durma...

Vida, bem vivida em pensamentos diários, imaginários...

Multidões... conexões... confusões... tentações...

Livre, solta, correndo pela noite vazia, insana, profana.

Sempre solta em velar por você, pela vida, por nós em dó, em si...

Cânticos!!

Divagando, escrevo... Descrevo pessoas e vultos na noite...

Em rabiscos, traço a figura e desfaço em escritas meus pensamentos...

Linhas e entrelinhas, sozinha





José Antonio de Carvalho e Silva
Químico Industrial
Engenheiro Industrial – M. Sc.
Psicólogo Clínico
Escritor
Conferencista

A TOCA, de Franz Kafka

“Estou com medo, traumatizada mesmo, de sair na rua”, diz moradora. “Com medo, moradores se impõe um toque de recolher.” (do cotidiano de nossa cidade).

O animal – um texugo? Uma toupeira? Kafka não especifica – sentindo-se ameaçado, construiu a sua toca, uma obra astuciosa, ramificada em um verdadeiro labirinto de caminhos subterrâneos com a finalidade de proteger o seu construtor.

A ligação da toca com o exterior se faz por meio de muitos orifícios estreitos, tubos de ventilação, com a finalidade de permitir a entrada do ar em seu interior. Apenas uma entrada dá acesso ao sistema de caminhos subterrâneos. As demais entradas são falsas, para ludibriar intrusos. Mas essa entrada verdadeira é um ponto de vulnerabilidade da toca, um caminho por onde inimigos poderiam ter acesso ao labirinto e atacar o animal entocado.

Para corrigir esse calcanhar de Aquiles em seu sistema defensivo, o animal disfarça essa entrada cobrindo-a com uma camada de musgo e plantas e constrói para despistar uma entrada falsa, a cerca de mil passos da verdadeira, e que não conduz a parte alguma. Para certificar-se da eficiência do disfarce, o animal de tempos em tempos sai de sua toca para o exterior e procura buscar alguma

eventual falha em seu sistema. Contudo, o medo de que essas suas saídas pudessem ser observadas por inimigos que, dessa forma, identificariam a verdadeira entrada para o labirinto, o animal vai reduzindo suas saídas, até quedar-se em definitivo em seu abrigo. Por algum tempo ele experimenta momentos de tranquilidade, propiciada pela constatação de que suas provisões são fartas.

Mas essa tranquilidade dura pouco, logo ele se entrega novamente à sua paranoica preocupação com segurança — conferência do sistema de defesa, a disposição dos corredores e a localização das reservas de víveres. Ao imaginar fraquezas, põe-se laboriosamente a mudar de lugar suas provisões, a alterar o traçado de alguns corredores ou a ampliar o espaço da praça central do esconderijo. É uma faina tão desesperada, a cavar com o focinho, que este até sangra. Mas, todo esse trabalho não lhe traz segurança, permanece sentindo-se em risco. E já então não teme apenas os inimigos externos à toca, pois escutou que existiriam seres que vivem no interior da terra e que, a qualquer momento, poderiam surgir das profundezas para ataca-lo.

Eis que ouve um ruído estranho, até então não percebido, e que com certa regularidade volta a soar. Pensa que talvez seja o ruído próprio da circulação do ar pelas galerias subterrâneas, ou, porventura, produzido pela movimentação de pequenos animais, como insetos. Mas o desconhecimento da causa do estranho ruído tem um efeito assustador sobre o animal, que passa, inclusive, a imaginar se ele não seria o aviso da aproximação dos seres do interior da terra.

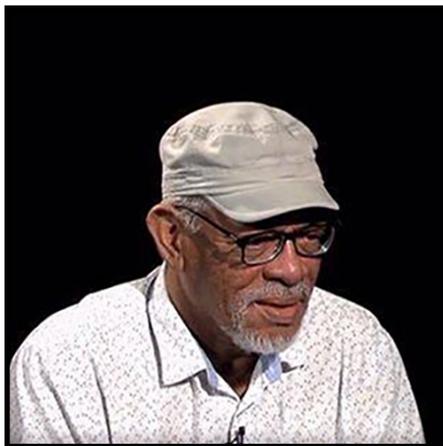
Finalmente acaba se convencendo de que o ruído é proveniente da escavação de um outro animal, e tenta confortar-se imaginando que poderia ser possível um entendimento com o invasor: lhe ofereceria comida e ele então o deixaria em paz. Desgraçadamente, no entanto, esse outro hipotético animal nunca aparece, o que continua é o ruído misterioso, que não aumenta nem diminui de intensidade.

Qualquer semelhança do drama vivido pelo animal kafkiano com o dos habitantes do Rio de Janeiro de hoje não é mera coincidência.

A resenha por mim apresentada é, por sua vez, feita a partir de uma resenha feita por Leandro Konder, brilhante pensador, já falecido, em seu livro KAFKA – Vida e Obra (José Álvaro, Editor, 1968) do conto que foi um dos últimos escritos por Kafka, talvez o último, e que permaneceu inacabado, o que em nada sacrifica a mensagem nele transmitida. Neste brilhante livro Konder, a partir dos contos mais significativos do grande escritor, analisa suas relações com a família, suas ideias políticas, o drama da solidão, o tema da alienação e outras facetas do atormentado escritor tcheco precocemente falecido (1883-1924).

Spírito Santo

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.



SALADA MISTA

“ O Neguinho gostou da filha da ‘madame’

Que nós tratamos de Sinhá.

Senhorita também gostou do Neguinho

Mas o Neguinho não tem dinheiro pra gastar

A ‘madame’ tem preconceito de cor

Não pode aceitar este amor.

Senhorita foi morar lá na ‘Colina’

Com o Neguinho

Que hoje é compositor.”

(Samba de Noel Rosa de Oliveira, e Abelardo da Silva, anos 60)

Existem várias analogias culinárias que podem ser feitas quando se fala das diferenças sócio culturais existentes na composição da população de um país e suas diversas possibilidades de mistura, amálgama, (no Brasil uma questão tornada particularmente com-

plexa por conta de nossa peculiar estratificação sócio racial). Já foram tentadas várias receitas para tão ansiada refeição mas, até agora, nenhuma realmente apeteceu à clientela.

A primeira – e mais óbvia- analogia que me ocorre é a do Omelete, aquela que diz que para fazer um é preciso ‘quebrar os ovos’. É a mais radical e cruel porque cria um problema terrível para a galinha, mãe eventual dos pobres pintinhos que nasceriam. A outra, mais ‘light’ é a da Vitamina, na qual um liquidificador mistura tudo numa pasta uniforme, fazendo os ingredientes originais, geralmente frutas ou legumes da estação, perderem inteiramente a, digamos assim, identidade.

Para mim, a mais pertinente é mesmo esta que uso agora, principalmente por causa da certa dose de ironia que ela contém: A Salada Mista. Nela os ingredientes se misturam, partilham algum tempero comum, mas mantêm-se íntegros, apesar de estarem picados em muitos pedacinhos. Acho a Salada Mista uma boa analogia para Diversidade Cultural.

Esta questão, a nosso ver, mãe de quase todas as contradições e conflitos brasileiros, está na discussão sobre as influências exercidas pelas culturas ditas ‘hegemônicas’ sobre culturas ditas mais frágeis (ingrediente principal da xenofobia). Neste ‘conversê’ sem fim sobre preservar ou não preservar a nossa ‘cultura popular’, ainda chamada por alguns de ‘Folclore (esta palavrinha tão vã que mais esconde do que explica o que quer mesmo dizer ‘Cultura do povo’).

Está na violência urbana, na contagem de corpos e nas balas perdidas que animam nossos debates cotidianos (afinal, quem morre mais, o favelado trabalhador quiçá traficante ou a classe média trabalhadora quiçá consumidora de drogas?). Está até nas conversas sobre o futuro de nossas crianças (afinal, um negão de 13 anos, com um metro e oitenta de altura merece ou não ser tratado como uma criança?). Está, em suma, contaminando todos os espaços do nosso cada vez mais tenso dia a dia.

O tema, passeando cada vez mais pelas entrelinhas deste nosso

site, talvez seja hoje a mais importante questão brasileira: Entender, timentim-por-timentim, a maneira como, dividindo o Brasil em castas raciais se construiu (e se mantêm até hoje) uma das sociedades mais desiguais do planeta e, de como agora, extremamente divididos, porém, perdidos no mesmo ‘mato sem cachorro’, vamos nos livrar da arapuca social na qual, por pura babaquice e egoísmo nos metemos.

A conversa passeia também – e principalmente até- pelas centenas de subterfúgios e ‘panos quentes’ que boa parte de nossa elite bem pensante, a nossa indefectível Academia (ou ‘inteligentsia’, para usar, na falta de outro melhor, um termo já bem arcaico) e mesmo a nossa sociedade como um todo, se utilizam para desconversar, tergiversar e manter as coisas exatamente como estão.

Como estamos falando de gente, de cultura humana, a esta altura deve caber bem a pergunta: Qual receita seria a mais recomendada para conseguirmos (em se tratando de Brasil, é claro), uma sociedade sem conflitos sócio culturais tão violentos? (O garçom mais próximo pode fazer a pergunta :)

_ ‘Omelete, Vitamina ou a Salada Mista, freguês?’

A VITAMINA

Descrevendo as receitas

...”Ao que parece o termo (Democracia racial) foi usado pela primeira vez por Arthur Ramos (1943), em 1941, durante um seminário de discussão sobre a democracia no mundo pós-fascista (Campos 2002). Roger Bastide, num artigo publicado no Diário de S. Paulo em 31 de março de 1944, no qual se reporta a uma visita feita a Gilberto Freyre, em Apipucos, Recife, também usa a expressão, o que indica que apenas nos 1940 ela começa a ser utilizada pelos intelectuais. Teriam Ramos ou Bastide cunhado a expressão ou a ouvido de Freyre? Provavelmente, trata-se de uma tradução livre das idéias de Freyre sobre a democracia brasileira. Este, como é sabido, desde o meados dos 1930, já falava em “democracia social” com o exato sentido que Ramos e Bastide emprestavam à “democracia racial”; ainda que, nos seus escritos, Gilberto utilize

a expressão sinônima “democracia étnica” apenas a partir de suas conferências na Universidade da Bahia, em 1943.’

(Texto-tese de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães -Departamento de Sociologia /Universidade de São Paulo)

Dos anos mais efervescentes do movimento abolicionista no Brasil à década de 30 do século seguinte, uma nova iguaria apeteceu a certa bem apessoada rapaziada: Elegantes em seus librés (logo depois envergando vistosos fraques em conferências internacionais), estes jovens rapazes gritariam em coro para o garçom:

— ‘A vitamina, senhor! Vitamina para todos!’

É que preconizavam com um empenho falsamente cívico o que de melhor se poderia fazer com os escravos: desaparecer com aquela ‘mancha negra’ transformando os africanos, progressivamente (num processo de cem anos, diziam os mais cartesianos), em seres mistos, nem brancos nem pretos, mestiços (as teorias não explicam se no preparo da receita desapareceriam também os brancos).

A história da tese que ficou conhecida como ‘elogio á mestiçagem’, irmã diletta desta outra tese controversa, a ‘Democracia Racial’ é antiga. Ela esteve muito em voga até os anos 30 do século passado (na verdade ainda hoje é defendida por alguns seguidores). Seus principais formuladores, de uma ponta á outra, foram intelectuais como Silvio Romero, Graça Aranha, Joaquim Nabuco e, já no século 20 também entre outros, o sociólogo oficial do Brasil Gilberto Freyre.

Como se sabe, estas paradigmáticas teorias nasceram, pelo menos como conceito, como uma proposta que resolveria o problema gerado por aquela massa enorme de seres humanos negros que o sistema de trabalho escravo arrancou da África e espalhou pelo mundo, uma massa humana liberta por injunções muito mais econômicas do que humanitárias e, portanto a boca pequena considerada ainda pouco mais que escória.

Lentz, um dos personagens centrais do livro Canaã de Graça Aranha afirma a certa altura:

— “O homem brasileiro não é um factor do progresso: é um híbrido. E a civilização não se fará jamais nas raças inferiores” (...) “Não acredito que da fusão com espécies radicalmente incapazes resulte uma raça sobre que se possa desenvolver a civilização. Será sempre uma cultura inferior, civilização de mulatos, eternos escravos em revoltas e quedas. Enquanto não se eliminar a raça que é o produto de tal fusão, a civilização será sempre um mistério, o artifício (...) Até agora, não vejo probabilidade da raça negra atingir a civilização dos brancos”.

Ao que Milkau, o personagem antagonista contrapunha, fazendo o seu ‘elogio da mestiçagem’:

— “O tempo da África chegará. As raças civilizam-se pela fusão; é no encontro das raças adiantadas com as raças selvagens, que está o repouso conservador, o milagre do rejuvenescimento da civilização (...) Eu tenho para mim que o progresso se fará num evolução constante e indefinida”

O mito do homem mestiço: Eis aqui o que parece ser enfim a chave de tudo para esta corrente de pensamento. A quem interessaria tamanha utopia? A inexistência total de diferenças biotípicas ou (‘estético-raciais’) seria cientificamente possível? A simples padronização ‘racial’ das pessoas removeria, num passe de mágica, as diferenças sociais? Se não, para que serviria então?

É preciso, contudo, situar a questão em seu devido contexto histórico porque, se no campo da precária biologia do século 19, se considerava cabal a existência de superioridade racial entre seres humanos (que justificaria a assimilação – ou a diluição – de uma raça pela outra), hoje até o próprio conceito absoluto sobre a existência de raças humanas está superado. Assim, propor ou sugerir a ‘mestiçagem’ como solução para tão candente problema social, não era naquela época, uma idéia tão absurda assim. Menos mal.

É nesse contexto que devem ser considerados, por exemplo, certos aspectos bem sucedidos da sociologia de Gilberto Freyre (o que não deve redimir, de forma alguma, a perniciosidade e os equívocos clássicos de sua ideologia)

O OMELETE

(Pobres dos pintinhos)

Assim, ali por volta de 1930, 40, alguns europeus de bigodinhos, reunidos numa mesa ao fundo, ao serem inquiridos pelo garçom responderiam excitados:

— 'Omeletes, senhor!' De sobremesa, Vitaminas!

É que para uns não havia jeito melhor de melhorar a raça humana do que separar os espécimes 'superiores', os 'puro sangue', os de 'pedigree' e desaparecer com o resto, inclusive os 'vira-latas', transformando a ralé em torrada, num forno crematório qualquer.

Para outros, contudo, o desaparecimento dos 'inferiores' deveria se dar por meio de métodos mais científicos ou 'humanitários': Um liquidificador genético resolveria o problema. Um projeto que, como veremos a seguir, não tinha mesmo nada de científico (e muito menos de humanitário).

(Aqui, antes de tudo, uma necessária afirmação de firme e ampla discordância diante dos partidários da Vitamina ou da Mestiçagem. É preciso – me permitam – fazer uso da ênfase nesta hora, á este ponto de uma questão que é por razões óbvias, crucial).

Frisemos que o contexto onde atuaram Gobineau, Lombroso, Chamberlain, Nina Rodrigues e, porque não dizer, Gilberto Freyre, foi o mesmo que gerou as teorias nazistas na década de 30. Não foram idéias apenas simplificadoras' ou 'evolucionistas'. Foram idéias profunda e claramente interessadas em criar um novo paradigma de civilização, um método 'científico' para a classificação e a sujeição de pessoas, num novo ambiente geopolítico denominado Colonialismo.

Apenas para exemplificar o alto grau de assumida perniciosidade destas idéias, basta citar o trabalho militante do próprio Gilberto Freyre, no final da década de 30 do século 20, a serviço do governo ditatorial de Antonio de Oliveira Salazar, como um dos ideólogos que contribuíram para a criação e a implantação de um sistema institucional de controle e subjugação das populações das colônias

de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e Príncipe denominado ‘Lei do Indigenato’, código similar aquele engendrado pelos africaners, na África do Sul, que dispensa comentários: o insidioso ‘Apartheid’.

O antropólogo angolano José Maianga, em texto publicado pela Revista afro-lusitana África, a este respeito nos esclarece cabalmente o seguinte:

“O indigenato, institucionalizado pelo regime salazarista (‘Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique’) era um diploma aplicado apenas às situações jurídicas dos indígenas africanos num país que, constitucionalmente, se dizia subordinado ‘à moral ao direito e às garantias e liberdades individuais’.

Este diploma traduzia, sem dúvida, a sujeição plena dos africanos ao colonizador e a uma prática assimilacionista que se afundava no mar de contradições por onde navegava...”

As afirmações não são de forma alguma novas. Alguns estudiosos estão no momento fazendo uma ampla revisão da obra de Freyre neste mesmo sentido. As idéias originais dele, no entanto, impregnadas em quase tudo que se escreveu sobre o negro – e os pobres do Brasil -, estão infelizmente, ainda em voga por aí e, o que é pior, defendidas por novas teorias e embasamentos que tentam afirmar Freyre como uma espécie de gênio mal lido e incompreendido.

Não é possível, portanto, entender os processos de evolução da cultura brasileira, por exemplo, dissociando-os deste contexto sombrio que o cineasta Ingmar Bergman, muito apropriadamente chamou num filme clássico de “O Ovo da Serpente”

No Haiti não existem ‘brancos’. Lá, a classe média ‘mulâtre’ oprime os ‘mais’ negros. O nazismo separava pessoas absolutamente brancas e as mandava á morte, baseando-se em diferenças físicas cosméticas: um nariz mais adunco, olhos pretos, etc. Claro que racismo não tem nenhum fundamento ‘científico’ ou ‘biológico’. Se baseia em pretextos, desculpas esfarrapadas. ‘Mitos’ em suma. Um cuidado que deve ser observado por todos que se dedicam a este assunto.

Ingênuas, marcadas talvez por certa dose de crueldade e frieza sim, mas, de modo algum absurdas para a época, as propostas que animaram os sociólogos da primeira metade do século perderam a força exatamente quando se soube o que de fato elas representavam: Grosseiros equívocos. É isto que torna mais surpreendente o fato de existirem ainda hoje correntes de pensamento defendendo propostas semelhantes no Brasil, em pleno século 21, quando a panela de pressão da nossa conturbada sociedade já apita o sinal óbvio que diz:

— ‘Cuidado! Abra a válvula que estamos prestes a explodir’.

A SALADA MISTA

e a sabedoria dos gibis

Há também, pode-se observar embutida na argumentação, uma forçada e esdrúxula associação entre ‘nacionalismo retrógrado’ (de novo a xenofobia) e a ‘admissão de que há racismo no Brasil’. Admitir ou sugerir com um pouco mais de ênfase a existência de racismo no Brasil seria um comportamento ‘ultrapassado’, ‘de modè, expediente muito usado como uma – muito eficiente inclusive- tática para se desqualificar discursos antagônicos.

Esta questão, aliás, traz á luz o que parece ser o segundo eixo da questão: Afinal, porque será que em certos setores de nossa ‘intelligentsia’, se nega tanto e de forma tão estranhamente peremptória (com argumentos tão mal fundamentados), a existência de racismo no Brasil? Existiriam intenções nessa negativa tão insistente?

Negar a existência do monstro, todo mundo sabe, não vai jamais matar o bicho.

É preciso aprofundar também outros aspectos cruciais do racismo brasileiro (na verdade de todos os racismos). O fato de cientificamente não existirem raças não significa que não exista racismo. Não é um argumento pertinente nem mesmo aceitável. Vamos combinar, francamente: Racismo é um estúpido instrumento de dominação social, uma praga da humanidade.

A sociedade brasileira é altamente excludente, certo? Não é pre-

ciso ser uma sumidade acadêmica para identificar qual é o instrumento de exclusão mais eficiente utilizado por aqui. Bingo para quem disser Racismo.

E vamos acabar também com esta falsa dicotomia: Problema Racial e Problema Social não são conceitos opostos ou divergentes. Um é a carne, o outro é a unha. Um não poderia, de modo algum, existir sem o outro.

Para qualquer um que sofre racismo ‘na pele’ fica evidente que o racista usa apenas um pretexto covarde, para discriminar: É fácil: Basta destacar uma diferença biológica qualquer e subestimá-la, demonizá-la, impondo uma marca, um estigma para identificar os portadores daquela suposta ‘deficiência’. O fisicamente diferente é declarado inferior e pronto.

Do ponto de vista de quem quer discriminar, dependendo de seu interesse, ‘negros’ serão portanto, todos aqueles que, visivelmente, não se parecerem com ‘brancos’. No exercício da discriminação não existem ‘mulatos’, ‘mestiços’, ‘pardos’, todos são ‘marrons’, inferiores, não por terem este ou aquele tom de pele, mas porque ‘não são brancos’. Ponto

Quando em minoria, no entanto, diante de algum interesse, alguma vantagem a ser obtida junto aos ‘marrons’, a hierarquização das ‘cores’ passa a ser muito proveitosa para a ‘raça’ hegemônica (a que está no poder). Pura política.

A história humana está cheia de estratégias como estes, nos quais com a finalidade de obter vantagens junto a um grupo estranho, nos associamos a um amigo ‘nativo’. É uma prática recorrente demais para não ser notada. Até mesmo nos saudosos gibis da infância de alguns de nós o arquetípico estratégia aparece.

Quem não sacou isto na função dramática do índio ‘Tonto’, amigo do Zorro norte americano ou na fidelidade á toda prova do gigante ‘Lotar’, guarda costas do Mandrake. Quem não notou esta solidariedade esperta, interessada, no olhar do Fantasma, ‘Espírito- Que- Anda’ para o pigmeu Guran, seu fiel aliado, do alto do seu trono na caverna da caveira?

Descontando a paranóia nacionalista de alguns, no âmbito de nossa cultura contemporânea isto pode estar ocorrendo também com alguma frequência. Você louva, aprende, assimila e pratica a cultura que um dia foi exclusiva (não que o pobre coitado quisesse se isolar) do negro ou do índio, do nordestino – tanto faz- mas não se importa muito que ele permaneça ad infinitum socialmente excluído, lá ‘no morro’, na selva ou no sertão.

No processo você aprende a fazer Samba, Maracatu, a tomar chá do Santo Daime e a ficar doidão sem culpa. É bom. É politicamente correto. Dá a você certo charme democrático, uma espécie de certificado de ‘responsabilidade social’ mas, e daí?

O problema é que ‘Ele’, o ‘Outro’, continua lá no seu canto, estressado de carências, fazendo o seu Funk pesadão. Cria-se assim (colocando os não brancos todos no mesmo saco) uma espécie de ‘Cultura negra sem negros’ e a gente não sabe muito bem no que isto vai dar. Se o cara não ficar rico fazendo Hip Hop, pode um belo dia dar um tiro em você.

Se for mesmo, como julgamos, além de uma mistificação cultural, uma impossibilidade genética em termos (não existem raças humanas, lembrem-se?), A Mestiçagem, como conceito democratizador não passa mesmo é de um cruel sofisma. E esta tem sido a lógica do Sistema de castas ‘raciais’ no Brasil.

Todas as receitas de democracia racial (com ou sem eufemismo) em voga atualmente contêm um mesmo e azedo ingrediente, um mal crônico que lhes tira todo o sabor: Redistribuem valores culturais, garantindo a certo grupo certas vantagens deles advindas, sem mudar as pessoas de lugar na pirâmide. Os que possuem quase tudo passam a possuir mais ainda. É a lógica fria de nossa elite predadora. A lei do mais forte. Qual é a novidade nisto aí?

(Agora, sem maniqueísmos, por favor)

Todo mundo sabe que este comportamento não é uma coisa assim percebida, exercida individualmente, mas, é um procedimento, praticado pela grande maioria dos ‘brancos’ do Brasil, diariamente, muitas vezes até de forma ingênua, um comportamento padrão,

arraigado, especializado por séculos de prática.

E saibam também que não é uma coisa fácil de extirpar não. É exatamente este o conteúdo subreptício, a essência de conceitos como a chamada ‘democracia racial’ e seus sucedâneos: dar sustentação, argumentos, justificativa teórica para esta deslavada contradição.

(Cabe aqui inclusive duas perguntinhas pra lá de capciosas: Ao propor a miscigenação geral como panacéia para os males do Brasil, da mesma forma que o ‘negro’, o ‘branco’ também desapareceria? Propor assim, de forma tão efetiva o desaparecimento de uma ou de outra ‘raça’ não é, classicamente, o mesmo que exercer racismo?)

Teorias... Um perigo latente para qualquer democracia, ainda mais a nossa que está patinando em sua reconstrução.

Como sempre – e pra finalizar- o melhor é dizer isto tudo com um Samba.

“Todo mundo era bom
 todo mundo era legal
 lá só dava gente bem
 madame e fulano de tal
 quando no meio da festa
 reclamei com o Samuel:
 Você diz que esta gente é honesta?
 Já roubaram meu chapéu!
 Não fico mais
 em sua casa ô Samuel
 aqui só tem eu de preto
 mas não faço este papel
 Não fico mais
 em sua casa ô Samuel.
 Você vai pagar meu chapéu”.

(Samba muito popular nos anos 70)

Ana María Pedroso Guerrero



University of Bergamo, Italia.
Specialized in Theory of Communication.
History of Cuban Cinema.

CUBA

Cuerpo

Quiero que me veas por toda la casa que vuelo

Desnuda

Mientras haces el amor con ella

Quiero como un fantasma estallar dentro de tu piel y erguirme

Seguir girando como las aspas del ventilador

Que pende del techo de la sala

Eterna, etérea

Erguirme de nuevo

Con dos o tres brazadas llegar a tu cuarto

Nadando en la densa neblina que dejaron nuestros viejos olores

Flotando

1. *Mientras veo tus ojos amarillos ausentes despojarla de sus inútiles bríos*

Floto

Mientras tu cuerpo anida en el suyo y tu estás lejos

Lejos

Alto

Y tus alas volando otros vuelos

Quiero que me veas por toda la casa que vuelvo

Desnuda

Mientras tus ojos amarillos me persiguen indefensos

Atravieso el jardín el prado el gran bosque

Regreso

Te tiendo la mano

Apoyo lentamente en los tuyos la punta de mis pies

Tú

Malditas todas las reglas de este mundo

y de los otros

Maldito el sol que marca el inicio y el fin de cada día

Maldición

Ensombézcase el cielo y tíñanse las rosas de lluvia

y sean todos castigados

Quiero que llueva por indefinido tiempo y

por indefinido castigo

Yo era feliz ahora

y en mis venas la sangre reposaba eternos atardeceres

y los colores eran todos iguales

el vivo rojo o el ardiente azul no tenían fronteras

entre ellos

no emanaban los olores invasores de las calles

no emanaba de mi cuerpo

ahora destruido y masacrado

este hedor maloliente de heridas a largo plazo

Quiero estar a tu lado donde tus manos

donde mi rabia sea aplacada y seducida

quiero estar a tu lado y sentir el fuego del veneno que me penetra
y me incendia impío

incalculablemente crudo y contundente me consuma

No puedo más

no tengo más fuerzas

La miseria me ha devastado poco a poco
 y no estoy segura de poder salvarme
 también esta vez
 Maldita la luna que desaparece con el alba
 y me hace sentir irremediabilmente
 Inexistente
 en este instante en que no estás también
 Tú



Ana María Pedroso Guerrero. Cuba

Living in Milano, Italia and L'Avana, Cuba. Chairman of nonprofit Cultural Association Cubeart, Milan, for the promotion and cultural interchange between Cuba and Europa and Founder of Group ContemporaneaCuba for the purpose of the inclusion and spread of Cuban artists internationally. Project Management. Art Consulting. She is a poet and a writer.

Perfil

University of Bergamo, Italia. Specialized in Theory of Communication. History of Cuban Cinema.

Professional Experiences (selection)

2004-2006 La Habana, Cuba. Unión Nacional de Escritores y Artistas de Cuba, (UNEAC)

Membro of the comitato of “X Festival Internacional de Poesía de La Habana” She participated at the “X Festival Internacional de Poesía de La Habana” as an assistant and supervisor to the artistic direction. She introduced books, seminars, exhibitions and meetings with the extraordinary participation of distinguished writers like Thiago de Mello, Ernesto Cardenal, Nancy Morejòn, Pablo Armando Fernandez, Jaime saruski, Aitana Alberti, Alex Pausides.

2007-2012 Innsbruck, Austria. She founded and directed Cultural Association Cubeart for the promotion of Cuban Art and Culture in Europe.

2008- 2012 Milano, Italia. She founded and directed il grupo

ContemporaneaCuba.

for the purpose of the inclusion and spread of Cuban artists internationally.

2008-2012 She founded and directed The International Festival Arte + .

Project for the development and diffusion of young people's Art.

2011 Venezia, Italia. "Cuba Mon Amour" Assistant Commissioner by the Cuban Republic Pavilion; she co-organized the first participation of Cuban artist at the 54. Esposizione Internazionale Biennale d'Arte di Venezia, Italia.

2012 she organized the Group participation ContemporaneaCuba with the show "Flyers" at the XI Biennial of Havana, Cuba.

2013 "Punto de Fuga" Museo Nitsch di Napoli. Artist: Carlos Martiel. Fondazione Morra. Group ContemporaneaCuba

2014 creates the project M-WAM Milan World Arts Maps, Foreigners Artist who lives and work in Milan.

And in 2015 idea and organizes together with Francesco Moneta, the inauguration Pavilion Civil

Society project "Making our Future", Expo 2015, Milan.

2014 "Motion to Space" group exhibition. Assistant curator. Curator: Guido Magnaguagno Artist:

Maya Vonmoos, Teres Wydler, Penelope M. Mackworth-Praed, Sarah Ciraci, Grazia Toderi, Sara Rossi, ecc

2016 International Relations. Exhibition "Cuba Tatuare La Storia", Padiglione d'arte Contemporanea,

Pac, Milano.

Writer (selection)

1995 short storie "La Ventana" in the book "La baia delle gocce notturne". Besa Editrice. Italy.

2003 "Mujeres Poetas de América Latina". Anthology in the review "Caravelle Cahiers du Monde Hispanique et Luso- Bresilien".

2003 Winner of XIX International poetry prize NOSSIDE.

2004. Feria Internazionale del Libro. Habana, Cuba.

2004. Festival Internazionale de Poesía de la Habana. Cuba. Special Guest.

2006 At the XI Festival Internazionale de Poesía de la Habana. Presentation of her book "Cuerpos Inconclusos", Ediciones UNION. Cuba.

2007 "Identità", Editrice Pulcinoelefante. Italia.

2007 Casa de La Poesia, Milano. Italia. Project: Itinerario Poetico, with the participation of Cuban and Italian poet and artists. Whit Gerardo Cedré Soler, Tommaso Kemeny, Giancarlo Majorino, Alex Pausides, Pierre Bernet.

Inauguration by the Former City Cultural Vittorio Sgarbi.

2010 "Antología de la nueva poesía cubana 1970 - 2012. Elefante Editores. Lima, Perú. Raúl Heraud

2012 Tiempos. Evento Expo. Feria Internacional del Libro. Habana, Cuba.
2014 “Chiudo gli Occhi”. Antologia “Eros in Giallo”, Editrice ES. Italy.
2016 Book City | “Le voci della città | Una maratona lunga una notte”. Claudio
Abbado. Ana Pedroso Lettrice. Associazione Cubeart. Forum Città Mondo.



10CUBEART
CUBA IN EUROPE ART ASSOCIATION



Adriana Mayrinck.

Produtora cultural, fez faculdade de artes plásticas em Recife na UFPE, e jornalismo na Faculdade da Cidade, no Rio de Janeiro. Pai pernambucano e mãe carioca, dividida entre as duas cidades desde que nasceu, fez do destino uma ponte para fortalecer e fomentar a cultura e a arte.

Na poesia, transborda com sensibilidade o olhar para o lado de dentro, do ser, mulher, com suas inquietações, calma e ardências.

Tempo

Não sigo. Paraliso. Tempo de autocontemplação.

Silêncio os gemidos do tempo entre o prazer e a dor.

Sem retrospectivas descritíveis.

A intensidade do que foi vivido ultrapassa todos os limites do sentir. E depois que se transborda,

o que fazemos com o vazio que ficou?

A alma ficou ali... aprisionada entre o vácuo do tempo.

Esperas.

A crueldade não está nas palavras que cortam como faca.

Está na ausência delas, quando em ecos mudos

é obrigada a silenciar.

Esferas

Enluarada, deixa-se envolver pela magia dos sentidos.

Raios de prata em uma noite de calmaria.

Brisa iluminada em ondas constantes.

Presença distante.

Respira letras re-construídas.

E volta no tempo da entrega.

E procura o conforto do abrigo. Sem frases completas.

O tempo é contado no caminho do desejado.

Consome esperas.

Derrama-se em essência para ser absorvida.

Cega, atropela a rima.

Anula o verso. Percorre o inverso, reflexo.

Arrepia e acolhe.

Esquece a inexistência. Aquece o que há no outro. Inflama.

E o silêncio consome o que não está.

Passa pela noite - a imaginar.

Mãos, boca, tudo a percorrer esferas - ao longe.

Recria paisagens - imagens.

E mergulha no instante perdido.

Mais nada

Cabelos ao vento e flores nos olhos - flutuava.

Marcas na alma, coração arranhado - sonhava.

Usou verbos e metáforas para se encontrar.

Emergiu do fundo do mar, dos abismos da ilusão.

Matava e morria a cada dia.

E uma tempestade a arrastou para o nada.

E no vácuo do inexistente - buscava.

E olhou pra dentro e o encontrou - em silêncio.

A alegria e a poesia estavam ali.

Gritou palavras, criou redemoinhos.

Arrancou o sossego, perturbou - ventava.

Ultrapassou limites e rimas.

E nos dias de maresia e lágrimas

Só queria cantar que amava.

Esperava palavras.

A voz calada.

Voou para o mar, igual ave solitária.

Buscou abrigo nas horas passadas.

Mais nada.



José Glauco Ribeiro Tostes, Prof. Titular aposentado da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), no interior do Estado do Rio

CRISE AMBIENTAL E CAPITALISMO

JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES

I – CRISE AMBIENTAL

Há cerca de 50 anos parte ao menos da sociedade humana começa a se dar conta do que daí em diante passou-se a chamar “questão ambiental” ou mais precisamente, “questão socioambiental”, em patamares regional, nacional, continental e planetário. Tal questão vem envolvendo desde problemas de poluição local (a poluição de uma cidade ou de um rio) até problemas ambientais de dimensão mundial, como o aquecimento extra e acelerado da superfície do planeta (“aquecimento global”) durante os últimos cerca de 200 anos de Revolução Industrial por emissão de gases “estufa” (como o gás carbônico) pela grande Indústria, principalmente dos países mais avançados e, atualmente, também de potências emergentes como a China. Eis aí desenhada, de modo ainda bastante simples, uma “crise socioambiental planetária” em curso. E que, hoje, como está se delineando com clareza, vai atingir primeiro, em seus efeitos destrutivos, as imensas populações mais pobres do planeta.

Qual o alcance do potencial destrutivo desta crise, restringindo-nos apenas aos grandes problemas ambientais globais? Podemos

ter uma visão científica avançada de tal potencial por um artigo – em inglês – da prestigiada revista científica norte-americana *Nature* de setembro de 2009 (o sobrenome do primeiro autor é Rockstrom), que vem funcionando como um verdadeiro “manifesto” de alerta da comunidade científica no assunto daqueles problemas globais.

No mencionado artigo ao invés de apenas um ameaçador problema ambiental planetário (o tão falado “aquecimento global” acima aludido), temos mais oito outros graves problemas do mesmo âmbito mundial (problemas envolvendo biodiversidade, ciclos de fertilizantes contendo nitrogênio e fósforo, acidificação de oceanos, etc.), sobre os quais se fala relativamente muito menos. E na data de publicação do artigo (setembro de 2009) – há cerca de oito anos – segundo teorias empregadas pelos seus autores, três (aí incluído o aquecimento global) dos nove problemas já haviam atingido níveis alarmantes. Esse número de três já deve, presumivelmente, ter aumentado até os dias de hoje.

Infelizmente, esses nove problemas não acontecem de modo isolado, mas eles se interpenetram, se interconectam, podendo potencializar ainda maiores efeitos destrutivos de cada um em relação ao cenário abstrato e irreal de total isolamento entre eles.

Afinal, em termos mais precisos, o que o capitalismo, isto é, o sistema-mundo dominante ao redor de todo o planeta, tem a ver – em termos político-econômicos – com a grande crise socioambiental?

Antes disso: o que é capitalismo?

II - CAPITALISMO

Vamos tentar primeiro uma brevíssima e, certamente, muito incompleta, síntese respondendo à última questão acima formulada.

O capitalismo, é o tempo contemporâneo em Marx e está centrado na economia. Ele está como que engastado, dentro de uma grande teoria da história da humanidade, o materialismo histórico (1859).

Essa história está toda ela – não só no presente, mas no passado e futuro – também centrada na economia. Marx usa aqui uma metáfora da engenharia: a matéria nesta teoria é a infraestrutura econômica; é o fundamento do edifício da sociedade; todas as outras manifestações – imateriais – da sociedade humana (política, direito, consciência, filosofia, história, ciência, religião, psique, culturas etc.) não se fundamentam a si mesmas, não podem ser explicadas a partir de si próprias. Todas elas são determinadas/explicadas “em última instância” pela base econômica. Todas elas formam a superestrutura imaterial da sociedade humana. Com o fim do capitalismo e da luta de classes na esteira de uma revolução comunista, acabar-se-ia a “pré-história da humanidade”. É importante assinalar que de modo geral ao longo de sua trajetória Marx foi um revolucionário antes de ser um teórico. Em outras palavras, a teoria tendia a se tornar em suas mãos um instrumento da interferência revolucionária na moldagem da realidade social.

A obra máxima de Marx (“O Capital. Uma crítica da economia política [do Capital], Vol. 1, 1867; bem como os outros dois volumes, publicados post mortem de Marx por Engels) está centrada no modo de produção capitalista (cada modo de produção leva a determinadas relações sociais de produção, em particular, a determinadas formas de exploração de trabalho; vide o próximo parágrafo). E ela em parte ajudou a moldar o séc. XX, principalmente a partir da Revolução Soviética de 1917.

Eis uma modestíssima tentativa de síntese do capitalismo, dentro do espírito de “O Capital”. Antes da Revolução Industrial inglesa na Europa do final do séc. XVIII, toda a história da humanidade foi uma história de civilizações agrícolas. Em termos marxistas, com a economia, como vimos acima, tendo o lugar central – lugar esse nem sempre tão visível, a não ser no longo curso, via espaço das revoluções de mudanças drásticas de um grande modo de produção para outro – naquela história as trocas de mercadorias se davam segundo o esquema M-D-M` (Mercadoria-Dinheiro-Mercadoria), e o dinheiro funcionava como intermediário na compra e venda de novas mercadorias. O que importava nessa transação era o valor de uso das mercadorias. Mas a mercadoria-chave em

M-D-M', de onde é produzido o "valor", segundo Marx, é a força de trabalho (trabalho de transformação da natureza, "forças produtivas"). Em um mundo agrícola essa força possuía, às vezes, parte dos rudimentares meios de produção em, por exemplo, sistemas artesanais de trabalho. A propriedade da terra é que era a chave do poder econômico e militar em tais civilizações agrícolas. E esse poder mantinha múltiplas e diversas interconexões e mediações com poderes simbólicos (ou superestruturais), mormente o poder religioso, dentro de cada modo de produção (nível infraestrutural).

Com a advento da Revolução Industrial, temos pela primeira vez no planeta um modo de produção industrial e visivelmente centrado na economia: o capitalismo avançado, onde a classe burguesa sozinha explora a classe trabalhadora sem maiores e antigas mediações não econômicas ou superestruturais (religiosas, por exemplo). Classe trabalhadora esta, emergindo inicialmente do campesinato e desprovida – agora – completamente da propriedade dos grandes meios de produção industriais e à qual somente resta vender "livremente" (?) sua força de trabalho, em um "mercado de trabalho" urbano-fábril, para a burguesia, em troca de um "salário". E este último, por sua vez, é baixíssimo em fase como essa, inicial, com mão de obra campesina extremamente "barata" (essa mão de obra é um exemplo do famoso "exército industrial de reserva"). Agora o novo esquema mercadoria-dinheiro é D-M-D' e impera o valor de troca da mercadoria, não mais o seu valor intrínseco de uso. A mercadoria deixa de ser o fim do processo produtivo. O dinheiro D é que agora compra a mercadoria M trabalho e obtém seu lucro (passando a D') pela via da mais-valia ou excedente que não é pago – por um tempo de trabalho "extra" não contratado – como salário a quem de direito deveria ter sido pago: o fator trabalho. E o trabalhador – a maioria com baixos salários – passa a ser um consumidor, inicialmente de uma parte modesta do próprio processo produtivo, do processo onde ele é o produtor, ainda que alienado, isto é, que não se vê mais como tal (produtor). A produtividade nesse capitalismo industrial tende a crescer vertiginosamente – comparada com a produtividade pré-industrial – articulada a inovações tecnológicas. E aí cresce o emprego. Mas se a produção crescer mais rapidamente que o consumo em geral,

o capitalismo vai enfrentar uma “crise de superprodução”. E então ocorre um ciclo de desemprego. Aí está um dos mecanismos de crise periódica especificamente gerados pelo próprio processo produtivo capitalista. Marx foi capaz de avaliar e prever (não com datas marcadas!) ondas sucessivas de crises sistêmicas do capitalismo. E começa a explodir com força uma instância econômica articulada ao sistema produtivo capitalista, já dentro do novo esquema D-M-D': o sistema bancário e, a partir daí um futuro sistema financeiro (anos 1980 em diante!) que terá condições de comandar – de modo improdutivo! – o sistema produtivo capitalista. Com enorme capacidade de acumulação de capital que em grande parte não será reinvestido na produção, isto é, na economia real capitalista. Eis as raízes da geração de enormes índices de desigualdade social (exemplo: anos 1980 em diante)

E onde estão as raízes da geração da atual grande crise socioambiental no capitalismo dos anos 1970 em diante? Precisaremos de uma nova teoria crítica, não-marxista, sem sair do próprio capitalismo? Ou uma teoria não marxista, mas ainda anticapitalista? Ou teremos elementos para continuarmos com teoria marxista?

III – CAPITALISMO E CRISE AMBIENTAL

As raízes da atual crise socioambiental podem ser encontradas, de modo aproximadamente crescente, dentro da própria trajetória essencialmente urbanizadora/industrializante do capitalismo, desde o início do séc. XIX. Mas podemos, aqui, de modo mais simplificado, começarmos esta análise histórica, em termos marxistas, a partir de cerca de 90 anos atrás, com a explosão da grande crise de 1929.

A crise de 29 ameaçou profundamente o capitalismo. Índices monumentais de desemprego em países centrais do capitalismo: por exemplo, os EUA chegaram a ter 30-35% de desemprego no início dos anos 1930; a Alemanha teve índices também devastadores no mesmo período. Mas não eram tais indicadores econômicos que

preocupavam a grande burguesia central. Do ponto de vista político um espectro rondava esses países centrais euro-americanos: o espectro do comunismo soviético (que não teve nada de semelhante na grande e recente crise de 2008-2009).

Grosso modo, duas grandes válvulas de escape foram implementadas pelo capitalismo central, particularmente mirando debelar os seus altos índices de desemprego da classe trabalhadora. Só nos interessa aqui uma delas: não o aparecimento súbito a partir de nada, mas a forte amplificação do que já estava em estado larvar, o complexo industrial-militar. De Roosevelt a Hitler (a partir de janeiro de 1933). Um inédito e incrível apelo, dentro de um suposto capitalismo liberal, à máquina de cada um daqueles Estados envolvidos, no domínio do capital. Uma aliança Estado – Empresa, onde o Estado entrava com o seu setor militar e com recursos públicos e a Indústria entrava na área da produção militar, em cima de contratos entre os dois lados: a produção militar de grandes indústrias seria comprada e rapidamente “consumida” pelos governos burgueses. Estavam finalmente dadas as condições históricas para o que Rosa Luxemburgo já em 1913 previa que o capitalismo iria acabar implementando “prá valer”: a obsolescência programada ou o descarte acelerado da produção (inicialmente via setor estatal militar) empresarial. Este foi um dos impulsos na volta dos empregos: além dos empregos na indústria militar propriamente dita, muitos negócios civis – que se comportam como “satélites” daquela indústria – também foram dinamizados e geraram empregos. Da indústria militar nos anos da II Guerra e da Guerra Fria, esse processo alcança hoje os shopping Centers (“Seu celular de hoje não vai ser mais seu celular daqui a uma semana”). O filósofo marxista I. Meszaros no seu famoso texto “Para Além do Capital” (original inglês de 1995) trabalhou profundamente este tema. Vejamos.

Como aquela “obsolescência programada” viria a potencializar futuramente efeitos devastadores sobre o ambiente, como de fato está acontecendo? Simples. Tal tática, obviamente, leva a um aumento brutal no consumo de matérias primas e no uso estratosférico de energia (via ramo dos combustíveis fósseis) industrial.

Aqui se vai de efeitos notáveis de poluição até o aquecimento global “alimentado” pela emissão de gases daqueles processos industriais ligados ao uso do petróleo. Dos anos 1970 até agora, estamos a bem dizer, engatinhando em investimentos – pelos países ricos, em grande parte responsáveis por tais efeitos ambientais deletérios – em antipoluição e em novas técnicas de energia renovável. Apesar de algumas iniciativas elogiáveis (exemplo: as ECO de 1972 e 1992, nesses últimos 50 anos, o sistema-mundo capitalista continua em sua corrida ensandecida de agressão ao ambiente. Será possível deter tal corrida? Será que detê-la “à beira do abismo” – o que, parece, sempre havia funcionado todas as outras vezes ao longo da história da humanidade – vai funcionar também desta vez? Há um papel nessa luta esperando pelas esquerdas?

As esquerdas mais próximas do campo marxista demoraram em “acordar” diante desse quadro dantesco. Seja em militância ativa também nesse novo campo de luta, seja na formação de quadros para aprofundar a teoria marxista da economia política do capitalismo incluindo a crise socioambiental no pano de fundo da luta de classes. Avanços importantes no campo teórico marxista já se davam nos anos 1980 e 1990; exemplo: no texto “Para Além do Capital” de I. Meszaros no original inglês de 1995, já citado acima: aí Meszaros avança sua teoria de que estariam – no final do séc. XX – dados quatro “limites absolutos” para o capitalismo, que uma vez simultaneamente atingidos o levariam – necessária e inevitavelmente – a uma grande crise terminal, final. E um daqueles quatro limites seria a própria crise ambiental em curso. Pois bem, Meszaros afirma que, historicamente, tais limites teriam começado a ser atingidos desde os anos 1970.

Fora do campo marxista, mas em campo claramente anticapitalista, temos um recente (final de 2015) e excelente texto do Prof. Luiz Marques da UNICAMP, Capitalismo e Colapso Ambiental. Marques pontua nos 10 primeiros capítulos grandes problemas ambientais de forma isolada entre eles. No cap. 11 ele introduz de modo simples o novo pensamento científico da complexidade: aqueles dez megaproblemas ambientais não são isoláveis, mas se interconectam profundamente, o que pode potencializar aumento

de efeitos destrutivos em cada um deles. Finalmente, nos três e densos últimos capítulos, Marques defende a insustentabilidade sistêmica final do capitalismo caso ele continue gerando os atuais desdobramentos ambientais deletérios no planeta. Em síntese, o arco teórico de Marques envolve a conexão entre capitalismo, complexidade e ambiente. Em termos marxistas, essa tríplice conexão, foi tratada na dissertação de mestrado de Guilherme V. Dias intitulada “Capitalismo, complexidade e ambiente” do Programa de pós-graduação em Ciência Ambientais (PGCA) da UFF, defendida em novembro de 2009 e que tive a honra de orientar.

Elaine Guedes



Começou estudando bel. Foi backing vocal das bandas de Tim Maia, Jorge Benjor e Cassiano; fez parte da Banda Rastaquera, produzida por Hubert (Casseta & Planeta). Fez paródias para o programa Casseta&Planeta por nove anos como freelancer; é compositora e tem parcerias com Chico Cesar, Moacyr Luz, Macau, Altay Veloso e outros. Sua música “Fogo” esteve na minissérie “Vida Alheia” da Rede Globo e foi selecionada pelo Sintonia Fina de Nelson Motta, da MPB FM; participou das compilações “Elas Cantam Caetano” (Warner) e Global Brasileiros (Selo Metalimbo, numa compilação com Gilberto Gil, Ayrto Moreira, Bebel Gilberto, Banda Black Rio e outros); excursionou com Luiz Carlos Vinhas. Tem dois livros publicados e atualmente é faz graduação em música na UFRJ.

Textos Selecionados em publicações de facebook, que tem estética e ética próprias. Mensagens rápidas me encantam. Elas são instantâneas, emocionais, impulsivas, por isso muitas vezes numa estética feia, mas o face é meio reality show: vaza sem lapidação. São catarses e no fim das contas podem valer uma reflexão.

Só porque a poesia nos move...

A mim assustam as pessoas sem luz que juram querer me clarear. Porque a força do caos, o desconhecido do meu escuro e da minha solidão podem assustar. E a luz delas é tão efêmera e emprestada, que pode até me ferir, derreter minhas asas, mas nunca me esgotar. Sei voar de muitas formas. E todos os que voaram, em toda a história da humanidade, foram de alguma forma execrados. Se chama a incompreensão dos que não conseguem sair do chão.

Porque a poesia salva, os céticos não acreditam que ainda vivo. Se fosse um remédio concreto e em forma de pílula, se fosse um tiro a queima roupa, se fossem berros ou se fossem palavras de rancor, aí sim, diriam: esta está viva. Mas como são só palavras que vou costurando, ninguém acredita.

Meios termos são pra meias vidas. Não suporto a hipocrisia que mascara o medo. Não suporto os desacertos e os resmungos de quem não se reconhece em nada, apenas consegue ver o lado de fora. Infelizmente, para esses só há a mesma saída de sempre e para todos: um dia o silêncio vem, implacável.

A Amar não é descansar em beleza alguma, ao contrário, é mergulhar nas profundezas. Amar não é morrer em duo, nem viver pra sempre. Amar é uma cumplicidade muda, mas é também o bate boca confuso. Amar é ir e vir, amar é poder partir e querer voltar. Amar é decidir ficar. Amar é bater asa sem sair do lugar, amar é espernear. Amar é pular de um precipício e depois flandar. Amar é principalmente parar de precisar pensar e pensar. Amar é um abrir a porta e respirar o ar. Mas é também polir a dobradiça que range, e lapidar o gesto de abrir e fechar, abrir e fechar. Não é justo nem injusto, não é só bonito nem é só feio, amar é o extremo e inteiro, e às vezes aos pedaços, sentir que vivo se está. Certo mesmo

é que amar é caminhar e caminhar e caminhar...

+++++

Os Nós Existenciais (Elaine Guedes)

Tem uma coisa que perdemos no século XXI: os nós existenciais. Se nós perdemos isso, perdemos a humanidade, acabou, somos de fato parafusos de uma máquina que sequer nos pertence. Onde está a sustentabilidade de se só retratar o trabalho, o encontro, o carro ou aquele outro parafuso que a gente quer possuir na balada, tudo também registrado nas músicas que a gente ouve na rádio (on ou off line)?

Onde foram parar a dúvida, o medo, a alegria serena?

Ontem assisti ao filme Song to Song (De Canção em Canção). Esse filme é cult, (com Cate Blanchett) porque é silencioso. E quem suporta o silêncio nesse mundo insustentável? Estamos vivendo esse universo enlatado e que só navega na borda.

Por isso a poesia anda tão muda, a poesia é o ato fatal de jogar, por um momento que seja, as máscaras fora, mesmo que através desse momento se construa uma nova ficção.

Viver nunca vai ser fácil, então não adianta construir um mundo arrumadinho em que estejamos acorrentados, na ilusão de que não vamos cair. Porque a gente cai, e vai continuar caindo. Só que para levantar é preciso saber que além daquela longínqua linha do horizonte que a gente vê existe o imenso céu e o profundo fundo do mar.

+++++

Há um tempo em que vc lê demais, e só consegue deixar que o mundo entre em você. Mas há um tempo em que você quer sair para o mundo, deixar sua marca onde pisa. E quando você consegue caminhar...quando você consegue escrever... falar... compartilhar... ser ouvido... ecoar... construir... receber, então

você está realmente vivo.

Eu não sou robô. Sou artista.

Meu treinamento é pra sentir a dor e as alegrias. Não para me anestesiar.

Todas as vezes que posso olhar o horizonte eu me alegro. Porque de falta de horizonte todos padecemos.

Encontrar quem me compreenda, e muito mais, quem se divirta com meu jeito de ser, é dádiva. Como são as dádivas que caem sobre aqueles que sabem caminhar juntos.

Mas naquela metade da vida, aquela em que somos sós, encontrar o dom de escrever, ou pelo menos a vontade de capturar um sentimento relatado e aprisionado na memória pra, em alguns minutos, ou horas que nem percebo, o transformar numa fotografia, é outra dádiva.

Eu só quero encontrar uma estrada: a que leva ao horizonte, mesmo que o único prêmio seja caminhar. Mas que nessa estrada a compreensão, a cumplicidade, a empatia, a gentileza, o amor e a paciência sejam algo comum e corriqueiro. E por que não?

+++++

À Luz e ao Som do meu Cotidiano (Elaine Guedes)

Acordo com desejo de ritmo compassado, como o som do clarinete que ouço agora, tocando Pixinguinha. Desejo o tempo de ouvir antes de sair da cama. O que afinal acontece para além da tecnologia? Existe vida, afinal? Gosto do som dos pássaros. Gosto de alongar o corpo. Sinto as articulações se estenderem sob minha vontade, me vejo flutuando no tempo antes de acordar para o dia compartilhado que começa com meu rádio. Mas por vezes eu só vejo num relance meu corpo para além da cama, e os pássaros podem cantar, mas não vejo o tempo de ouvir. Antes de me mover me lembro das coisas que se sobrepõe como tijolos em uma única coluna. E ela se

equilibra sobre quase nada. Ela fica cada vez maior e mais pesada e então, antes dos pássaros chegarem aos meus ouvidos de forma que eu escolha ouvi-los, estou eu a equilibrar uma enorme coluna de tijolos. Meu coração se aperta sob a musculatura tesa e tensa que está em volta das minhas costelas, ele dói e até chora antes de começar o dia, choraminga porque não pode fugir, às vezes nem pode sorrir. Meu coração fica apertado e eu nem me levantei.

Penso então no meu namorado, penso em fugir através dele e o dia então se dissiparia quando a coluna pesada desaparecesse de repente, em tijolos flutuando. Eles, os tijolos, ficam de repente coloridos e transparentes, e como bolhas, fazendo um movimento engraçado de colorir. Meu coração bateria leve e desapressado! Meu coração moveria meu sangue e se fortaleceria e fortaleceria o meu dia em tal movimento.

Mas como os passarinhos que não ouço, embora cantem e até batam na minha porta, meu namorado não está. Me resta então levantar. Olho a TV e ligo o rádio. As notícias vêm como todos os dias, só que sem o poder de me encantar, ao contrário, elas atraem com seu magnetismo inédito todos os tijolos do meu ser. E deixo pra amanhã acordar suavemente, como é a luz do sol. Aquela, que também esqueço de olhar.

+++++

A educação não é moldar parafusos ou soldados. É construir um chão para as escolhas.

+++++

Minha homenagem à Lapa (Elaine Guedes)

Passei pela cidade olhando o chão, e no chão estavam aquelas pessoas magras quase sempre juntas. Não consigo ver a cidade sem vê-las, porque são elas que me fazem andar menos distraída. Então como olhar a cidade e ignorar esse caos que desfaz o ritmo dos transeuntes que passam no mesmo lugar e no mesmo horário todos os dias? Na cidade tem muitos saltos, bolsas falsificadas e tem

os homens calmos na hora do almoço, debatendo bobagens.

Não vejo mais alguém que passeia, quase todos correm, a não ser os turistas muito despojados, algo alemães na vestimenta, aquele ar europeu que anda com máquinas fotográficas pelos mesmos lugares que nos assustam, e por que será que eu, leia-se eu, ainda não vi nada acontecer a eles? Porque eles se repetem nessa passividade que talvez os deixem transparentes? Vai que ficam mesmo...

Nós estamos mais próximos dos meninos de dez anos que se juntam pra nos tirar algumas coisas no caminho, nós estamos mais próximos daqueles que dormem nas ruas, ou das mulheres que vendem balas com as crianças a tiracolo. Todos os dias nos repetimos nos mesmos horários e mesmos lugares, mas a verdade é que vemos os vultos e não decoramos os rostos. Não sabemos os nomes nem os tons de voz. São como sombras e zumbis que nos deixam alertas no centro do Rio de Janeiro, eles são como as obras que nos incomodam, nós até talvez esperemos que eles se vão com um término, como o das obras. Os famintos são passageiros, podemos pensar, vai passar.

Não que passar seja mudar suas vidas, passar é sair das nossas.

Até o dia que vi livros na calçada, ali no que era a casa de alguém, alguém de passagem. Foi o único que me pareceu que passaria não de mim, mas de si mesmo, algo naqueles livros sem gente mas com um dono em algum lugar. Mas também aqueles livros tinham algo de cruel na cena, mais cruel ainda que todos os outros rostos que não enxergo. Não eram gente magra, mas eles eram uma fome maior, mais duradoura, mais gritante, aqueles livros na calçada me chamaram e fincaram seu lugar com respeito, quase eram uma estante, só não o eram porque não pareciam livros fechados, pareciam muito mais abertos constantemente, fechados casualmente. Esqueci de dizer, os livros tinham espirais, e livros de espirais são didáticos.

E ao lado deles começou a se formar uma imagem com rosto, um corpo começou a se desenhar, sentado ali no chão, esperando por um tempo e uma calma para estudar. Esse rosto que não estava presente é o inesquecível detalhe de como vivemos agora, em 2016, no Rio de Janeiro, ele é um escorregar da fantasia nebulosa e escondida para a claridade da realidade cruel da cidade, que come seus habitantes músculo por músculo, até comer sua sanidade e sua vontade final. Vontade de mudar, de estar, de contemplar, de compartilhar, de conviver, não como uma sombra que incomoda e suja a paisagem, mas com corpo e alma, e uma voz com toda uma vida pra dizer.

O texto é especialmente dedicado a todos da Escola de Música da UFRJ, que transitam entre os três prédios de atividades da Lapa ao prédio da Petrobrás.



Monica Firme Maciel



Nasceu em 1961 na Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro, cresceu em Ipanema e se mudou para Niterói em 1974, escreveu seu primeiro poema aos 11 anos, e publicou alguns escritos em fanzines alternativos durante os anos 80 e 90. tendo também participado de vários saraus. Aqui teve 3 filhos e se descobriu poetisa alternativa, se sentindo honrada por ser convidada a participar de “Alfarrábios “ em tão ilustre companhia.



Carta aberta incerta:

Escrevemos o corpo e os atos nas duras e belas lições e farturas

Da gramática figurativa da vida

Os amores e as cores parem pessoas e às vezes se partem nas vidas vividas a sós

Olhamos pros outros só de soslaio, e sintetizando nosso próprio monólogo

Sintonizamos a energia-alegria que rola solta no mundo

Às vezes consigo pescar um segredo e um privilégio só prá te contar:

Meu modo te vê um bichinho perfeito de amor e bondade

Levei uma mordida de um vagalume

O bicho que dá gosto

E quero tomar mais um copo desse teu sabor:

É fértil de arte demais prá mim mesma

Ser a admirada do teu olhar:

Solta meu texto e encanta meu fato

Que não está morto de tanto prazer:

Que a gente é um presente que a vida se deu

Um para o outro

Só prá brincar

Oração

Que todos os gozos

Masculinos, femininos, infantis

Se derramem

Sobre as lágrimas de nós que sofremos

Que todas as alegrias

(mesmo aquelas bem pequenininhas)

Se espalhem em forma de ondas de energia

E abençoem a todos nós que sentimos medo

Que todos os medos se estraçalhem nos teatros e nas piadas

Que todo sofrimento seja um degrau

Para aumentar a sensibilidade de todos nós

Que sofremos sem compreender

Que toda a fertilidade terrena,

Alienígena e divina

Se derrame sobre a nossa fome de amor

Distribuição da palavra

Atributos do tato

Contratos com atos

Contatos imediatos

Rabiscam os fatos

E a história geral

Retratar tratos

Implicar sexo

Compactuar com os ratos

São atos espirituais necessários

Prá nós poetas derramarmos

Toda nossa vossa poesia

Estratégias de ataque

Armar armadilhas amigas

São coisas que há que ousar

Prá conseguir aprender

Passar adiante se não vira elefante

Ideias, brinquedos, palavras, papéis

E algum ritmo
(algorítmico)

Na balbúrdia dissonante e harmônica
Dessa nossa enorme torre
De mídia, papel e poder



Os homens inventaram a religião apenas para poder
chamar a verdade de mistério.



Sou uma criatura livre, independente e sorridente, não tenho papas na língua nem calos nos pés. Minhas obras primas são meus 3 filhos, Amora, Manuela e José Pedro, cometo alguns poemas, tenho 56 anos e me recuso a me sentir uma velha enquanto eu conseguir subir numa árvore, pular um muro e descer uma cachoeira escorregando. Sinto-me muito honrada e grata pelo convite dos amigos (meu e das Palavras) Paulo de Carvalho e João Ayres, grandes Poetas e amigos porretas, EVOÉ!

JORDÃO PABLO DE PÃO



Produtor Literário, Articulador de Programação Cultural e Professor de Literatura, descobriu a força da palavra ainda em seus estudos escolares. Estuda História da Arte e tem na palavra literária e no que irmana os seres humanos os seus focos de investigação existencial. Melancólico e capricorniano severo, encontra no quarteto Elis-Bethânia-Carmen-Lispector a referência artística para um mundo mais honesto consigo mesmo. Autor dos fanzines “Abre Caminhos” (Armazém de Quinquilharias e Utopias, 2017) e “Energia” (Edição do Autor, 2017), colabora com revistas culturais e já organizou, prefaciou e revisou muitas obras literárias. Visite jordaopablo.wordpress.com.

ANO BOM

Em dezembro, o Brasil repousa.

Em janeiro, ferve na praia - vai, malandra!

Em fevereiro, no Carnaval se fantasia.

Festeja o diário terror de viver em grupo aqui.

Começamos um Ano Novo, dizem reluzente,
ano bom, de água a passar debaixo,
ponte, esperanças de feriados infindáveis
em dias que se sucedem no esmagar da fé.

Muito a desejar em seus mitos, cristais:
progresso, ordem e igualdade, embora.
Pouco a congratular, de novo e irremediável:
pobreza, políticos corruptos e intolerância.

Se eu pudesse fazer um pedido ao gênio,
apenas um sem ressalvas e adendos,
solicitaria que a nossa sociedade brasileira
não apenas quisesse, mas fizesse.

BOM PRESSÁGIO

I.

Um gato preto
ronda a minha casa.
Uma escada em apoio
transpasso com atenção.
Uma Sexta-feira 13
propicia novos afetos.
Uma sereia a cantar
fala sobre mim.

II.

Se há sorte eu não sei,
mas temos um ano
novo
365 dias
nasceres do sol
para comemorar
o fato de estarmos
aqui
agora.

UM DOS NOSSOS

Sou também um destes:

vou às ruas,

reclamo meus direitos,

cultivo meus versos.

A arte como arma.

Paulo rege a orquestra.

O caminho é de delicadezas,

de atenção às miudezas.

Grupo de poetas

vive junto,

frui junto,

sofre junto.

Sempre foi assim,

sempre será assim.

Alfarrábios VI Sou eu também

um deles,

um dos nossos,

um Alfarrábio.



PAULO MENEZES

FORMAÇÃO

Sou de formação auto-didata e estudei em métodos de músicos e professores como Maria Luisa de Mattos Priolli, Antonio Adolfo, Almir Chediak, Paul Hindemith, Nelson Faria e Tomás Improta. Tive a oportunidade de ter aulas particulares com o grande músico e mestre do contrabaixo acústico, professor Paulo Russo.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

professor de Violão Popular e Contrabaixo Elétrico desde 1979;

voz e violão em grupos de MPB;

contrabaixo em algumas bandas de rock;

shows em diversas casas noturnas do Rio de Janeiro nos anos 80, entre elas, o Restaurante Café Un Deux Trois, no Leblon, sob o comando do pianista Ely Arcoverde e o Bar Let It Be em Copacabana, acompanhando o roqueiro Serguei;

atualmente toca na banda Ícones do Progressivo.

[\(21\) 99465-8177](tel:(21)99465-8177) (Tim) | [\(21\) 97214-5859](tel:(21)97214-5859) (Vivo)

ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA RIO DE JANEIRO BRASIL



MESTRE GIL
MESTRE SOMBRA

Aefarrabios

2016 ~ 2017

um ano de
existência



fanzinecoletivo